

Exemplo indiano

Ao falar ontem em Bombaim, na Índia, sobre a globalização da economia, que é um fenômeno comum aos dois países, o presidente Fernando Henrique Cardoso teve o cuidado de advertir que não permitirá, no Brasil, a repetição do fenômeno ocorrido em países da Europa, que paga um elevado preço de desempregados pela estabilização e integração das suas economias nacionais.

Diante de uma platéia de empresários brasileiros, que integram a sua comitiva, e de empresários indianos, que são congregados na poderosa entidade empresarial local, o Presidente brasileiro confessou-se surpreso de saber que o governo da Índia conseguiu, no ano passado, criar sete milhões de novas oportunidades de emprego naquele país. Mesmo considerando que a Índia tem a segunda população mundial, algo em torno de 900 milhões de habitantes, não deixa de ser impressionante que tenham sido oferecidos quase 1% do montante da população em novos empregos.

Se o Brasil fosse adotar a mesma taxa, seria algo em torno de um milhão 200 mil novos empregos oferecidos em 1995. A realidade, porém, segundo as próprias estatísticas oficiais, está bem longe desse número e, ao contrário, representou um vasto contingente de sem-empregos por causa de redução de atividade em diversos setores da eco-

nomia nacional.

Já que o Presidente da República abordou, com franqueza, a questão do choque entre globalização da economia e os efeitos danosos do desemprego, valeria a pena lembrar às autoridades do seu governo que, no caso brasileiro, as micro, pequenas e médias empresas são responsáveis pelo emprego da maior parte da mão-de-obra nacional. E que caberia uma atenção especial a esse importante segmento, que está presente na atividade rural, na industrial, na comercial e na de serviços, em todo o território brasileiro.

Por outro lado, há que se atentar para o problema do treinamento da mão-de-obra ainda empregada na indústria, no comércio e na área de serviços. À medida que avançam os meios tecnológicos do mundo contemporâneo, numerosas profissões passam por reciclagens inevitáveis. Os profissionais que se adaptam, sobrevivem. Os outros, acabam no desemprego. É necessária uma política conjunta de treinamento desses milhões de trabalhadores, sob pena de se estimular, de um lado, a absorção de mão-de-obra, enquanto, de outro, se escancara mais ainda a porta ao desemprego. E este último, infelizmente, costuma atingir a pais de família que, por contingências de idade, dificilmente se readaptam ao mercado de trabalho.